

The background of the image features several thick, expressive black brushstrokes. These strokes are arranged in a circular, swirling pattern that frames the central text. The strokes vary in thickness and direction, creating a sense of movement and depth. The central text is rendered in a clean, white, sans-serif font with a thin black outline, making it stand out against the dark, textured background.

PORTIONS
OF SHARE

NUNO NUNES-FERREIRA
CHEGAR AOS CEM

RITA GT
THE BODY THAT
FORGETS ITSELF

KALLE BROLIN &
KRISTINA MUNTZING
SUNSHINE SOCIALIST
CINEMA: A CINEMA
MANUAL – LISBON SESSION

LUÍSA SANTOS
PORTIONS OF SHARE
QUANDO A PARTILHA É
RESPONSABILIDADE COLECTIVA
p.5

DZIFA PETERS, LINDA KONCZ
NUNO NUNES-FERREIRA
CHEGAR AOS CEM
p.9

JOSÉ MARIA CORTEZ, MARTA SACCANI
RITA GT
O CORPO QUE SE ESQUECE DE SI PRÓPRIO
p.18

AUDE VIGNAC, FEDERICO RUDARI, JULE
KURBJEWIT, JULIANA ORREGO TRUJILLO
KALLE BROLIN & KRISTINA MUNTZING
SUNSHINE SOCIALIST CINEMA: UM MANUAL
PARA UM CINEMA – SESSÃO DE LISBOA
p.26

MATTHEW MASON
SOBRE O SOCIALISMO
p.37

LUÍSA SANTOS

PORTIONS OF SHARE
QUANDO A PARTILHA É
RESPONSABILIDADE COLECTIVA

PORTIONS OF SHARE QUANDO A PARTILHA É RESPONSABILIDADE COLECTIVA

Portions of Share é o projecto final dos alunos do seminário de Curadoria, do programa internacional de Mestrado e Doutoramento em Estudos de Cultura do The Lisbon Consortium, na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa. Desenvolvido no contexto do *4Cs: from Conflict to Conviviality through Creativity and Culture*, um projecto de cooperação Europeu, co-financiado pelo programa Cultura da Europa Criativa, o *Portions of Share* desenha-se a partir de três livros de artista, para reflectir sobre noções de poder associados à construção da memória colectiva, de hospitalidade e de participação democrática.

Em *Chegar aos cem* (2016-19), o livro de Nuno Nunes-Ferreira (1976, Lisboa), que na verdade é uma pasta de arquivo com cem micas transparentes que albergam, cada uma, um recorte de jornal com um aniversário, do primeiro ao centésimo, o imediatismo associado a títulos e notícias de jornais é alongado para anos, num exercício de mudança da durabilidade do impacto destas palavras, com as implicações que estas diferenças podem ter na construção da memória colectiva, que determina o que entendemos e aceitamos enquanto História.

Os processos de construção da História são também questionados no livro-performance *O corpo que se esquece de si próprio* (2019), de Rita GT (1980,

Lisboa). Um livro que se assume enquanto corpo, com uma capa em pele de animal é comido pela artista, página a página, palavra a palavra. Com o acto de comer o livro a artista incorpora e apaga – deliberadamente e num acto remissivo de um movimento antropofágico - o conhecimento e as narrativas integradas naquele objecto. No final, só a lombada do livro, como que osso daquele corpo, resta. Neste processo individual e, simultaneamente colectivo – estamos naquela sala, podemos intervir e participar se assim entendermos – Rita GT questiona-nos sobre o poder de cada um de nós nos processos colonizadores de silenciamento e na construção das memórias colectivas.

O livro-instalação de Kristina Müntzing (1973, Malmö) e Kalle Brolin (1968, Malmö), co-fundadores do *Sunshine Socialist Cinema* pede a nossa participação activa para a construção democrática de um lugar ideal. O *Sunshine Socialist Cinema*, é uma estrutura de projecção de cinema de exterior com painéis solares, num jardim em Höja, no sul da Suécia, que mostra filmes para gerar discussões em torno de temas de esquerda radical. Na sua versão livro-instalação, o *Sunshine Socialist Cinema* desenvolveu-se ao longo de um conjunto de discussões coletivas e participativas precisamente, sobre o papel deste tipo de actividade na construção e transformação da sociedade.

O que estes três livros-objectos-acções têm em comum é a responsabilidade partilhada e coletiva que nos pedem no desenho do mundo que nos rodeia, com o poder que este desenho implica. O que faremos com este apelo será uma escolha que caberá a cada um de nós.

Luísa Santos

Curadora independente
Docente e Investigadora
(CECC, Faculdade de Ciências Humanas da
Universidade Católica Portuguesa)

CCCC

CCCC

NUNO
NUNES-
FERREIRA
CHEGAR AOS
CEM

NUNO NUNES-FERREIRA

CHEGAR AOS CEM

Como experienciamos o tempo? Na maior parte das vezes são certos elementos que nos permitem senti-lo. Os relógios, a tinta, o papel e o teclado são as métricas de medida que manifestam e constituem o domínio desses momentos - os períodos de tempo, os intervalos e as linhas de tempo. É através da materialização destes conceitos abstractos que conseguimos adquirir uma sensibilidade em relação ao tempo para podermos compreender o seu processo e memorizar o efémero.

O tempo e a memória tomam uma forma particular na prática artística de Nuno Nunes-Ferreira. O seu investimento no tempo está claramente presente no seu trabalho: todos os dias, o artista coleciona jornais do dia anterior de um café perto do seu local de trabalho. Estes, são marcos físicos no tempo e no espaço, como demonstra o seu livro '*chegar aos cem*' (2018/2019) - um dossier de arquivo que consiste em 100 páginas com aniversários recortados de artigos de jornais, colocados dentro de micas, a anunciar um evento: o nascimento de um bebé, o aniversário de uma banda ou uma união política. Uma celebração do tempo. Na página número 1 é possível encontrar notícias dos primeiros aniversários, na página número 100 encontramos notícias de diversos centenários. Aqui, cada evento é seguido pela ausência do tempo (o tempo que perdemos) e pelo o que se dissolve na memória.

O próprio Nuno não celebra o seu aniversário, porque coincide com uma altura do ano em que todos estão em celebrações de Santo António. Esta não celebração despertou a curiosidade do seu filho, e por isso teve que lhe conceder uma ideia de quando teria nascido. A família tem uma flor em casa que apenas floresce no mês em que Nuno faz anos, e é essa a pista mais próxima que deu ao seu filho.

O processo de observação do tempo ocorre de acordo com o consenso dos dispositivos que usamos diariamente: "O tempo devia ser definido de tal forma que as equações da mecânica possam ser tão simples quanto possível. Por outras palavras, não há uma forma melhor do que outra para medir o tempo;



Nuno Nunes-Ferreira
Chegar Aos Cem

1 dossier, 100 folhas de papel, 100 bolsas
 de catálogo, recortes de jornais, estrutura
 em ferro e MDF lacado de preto.
 Dimensões variáveis.
 2018-2019

Fotografia de João Biscainho e Linda Koncz.



Nuno Nunes-Ferreira. Chegar aos cem, 2018-19. (detalhe). Fotografia de João Biscainho e Linda Koncz.



Nuno Nunes-Ferreira. Chegar aos cem, 2018-19. (detalhe). Fotografia de João Biscainho e Linda Koncz.

“REPÚBLICA”

62.º aniversário

O vespertino «República» completou 62 anos de existência. Na pessoa do seu director, Raul Rego, saudamos todos os que

naquela casa diariamente participam na construção de um jornal com cuja dignidade nos solidarizamos.



**REPARAÇÃO DE
AUTOMÓVEIS DIESEL
E CATERPILLARS**

Auto-Mecânica Napoleão

Monteiro, Franco & Guedes, Lda.

Praça D. Mara II, 2-3

☎ 93 41 45 - 94 00 17

Secções de

PINTURA • ELECTRICIDADE

MECÂNICA • BATE-CHAPA

REBOLEIRA - AMADORA

N.º 610 — 26-5-1973



Vista do estúdio de Nuno Nunes-Ferreira. Santarém 2018. Fotografia de João Biscainho.

aquilo que é geralmente aceite é apenas mais conveniente.” (Henri Poincaré, *The Value of Science*, 1913, pp. 201- 358).

Os trabalhos de grande-escala de Nuno, - ‘Primavera’; ‘Verão’; ‘Outono’ e ‘Inverno’ (2016-2018) – que estão presentes na mesma exposição na qual o livro que se apresenta (“dois anos e meio”, na Galeria Balcony), livro que foi produzido para o projecto *Portions of Share*, são, cada um, compostos por uma enorme tela, coberta com recortes de jornais que terminam com o nome das estações do ano. Ressalte-se que Nuno dá um passo atrás quando observa o tempo. Assim sendo, tem uma perspectiva mais clara dos blocos de tempo e das estruturas físicas que as metafísicas possam criar.

Outra peça com base na noção do tempo, ‘*Tennis-match*’, corresponde a uma coleção de 365 vídeos caseiros retirados do YouTube, que retratam celebrações. Estes momentos são marcados pelo som de uma garrafa a ser aberta. Nuno colecionou diversos vídeos de várias pessoas a abrir uma garrafa de Champagne com um sabre, uma técnica denominada por *sabrage* e com origens Napoleónicas. Neste caso, o artista examina o tempo capturando os momentos (in)significantes.



Vista do estúdio de Nuno Nunes-Ferreira. Santarém 2018. Fotografia de João Biscainho.

Nuno mantém um enorme arquivo com coleções de álbuns, revistas, jornais e relógios. Preferencialmente recolhe os seus artefactos em mercados - como a última evidência física de alguém que morreu - embora também compre material on-line. Voltando agora atrás no tempo: os pais de Nuno trabalhavam no campo da medicina e colecionavam grandes quantidades de jornais e revistas científicas. E o constante desenvolvimento científico fez com que as pilhas de materiais aumentassem e fossem sendo arquivadas. Posteriormente levaram o jovem Nuno a começar uma investigação e a trabalhar sobre elas. “Então, nunca deita nada fora?” - “Não, nunca”, afirma.

Noutro trabalho, a investigação que conduziu sobre um caso espanhol de crianças desaparecidas, foi o ponto de viragem na forma como manuseia o material. Este trabalho materializa-se numa enorme tela coberta de pistas de uma possível fonte de um crime organizado. Fotocópias de arquivo e cópias de artigos de pais, médicos e enfermeiros, surgem dispostos numa lógica visual para revelar o caso criminal. De facto, os originais poderiam ter servido como testemunho, tal como num caso de crime real. Desde então Nuno passou a utilizar materiais originais, sem fazer cópias. A apropriação do material original

incorpora o valor do antigo e consequentemente a magia do tempo.

Entre as suas primeiras referências encontram-se nomes como Jean-Michel Basquiat e Anselm Kiefer; hoje refere o trabalho de artistas como On Kawara e Christian Marclay. No entanto, Nuno deixa-se levar pela corrente da sua prática, na medida que uma obra de arte o leva a outra, sem singularizar artistas ou posições específicas.

Na sua casa e atelier, localizados nas proximidades da pacata cidade de Santarém, o relógio parece ter um ritmo diferente, levando-nos à sensação de que “o vazio que pode ser concebido no tempo indica, assim como no espaço, que o tempo e o espaço se aplicam tão bem quanto possível a todas as coisas existentes.” (Gottfried Wilhelm Leibniz, *New Essays*, 1704, II, XIV, sec. 24, 26). O tempo está ausente ou presente? A resposta parece estar na impressionante auto-consciência de Nuno Nunes-Ferreira: “tenho tempo, mas não tenho tempo”.

Dzifa Peters
Linda Koncz



RITA GT
O CORPO
QUE SE
ESQUECE
DE SI
PRÓPRIO



RITA GT

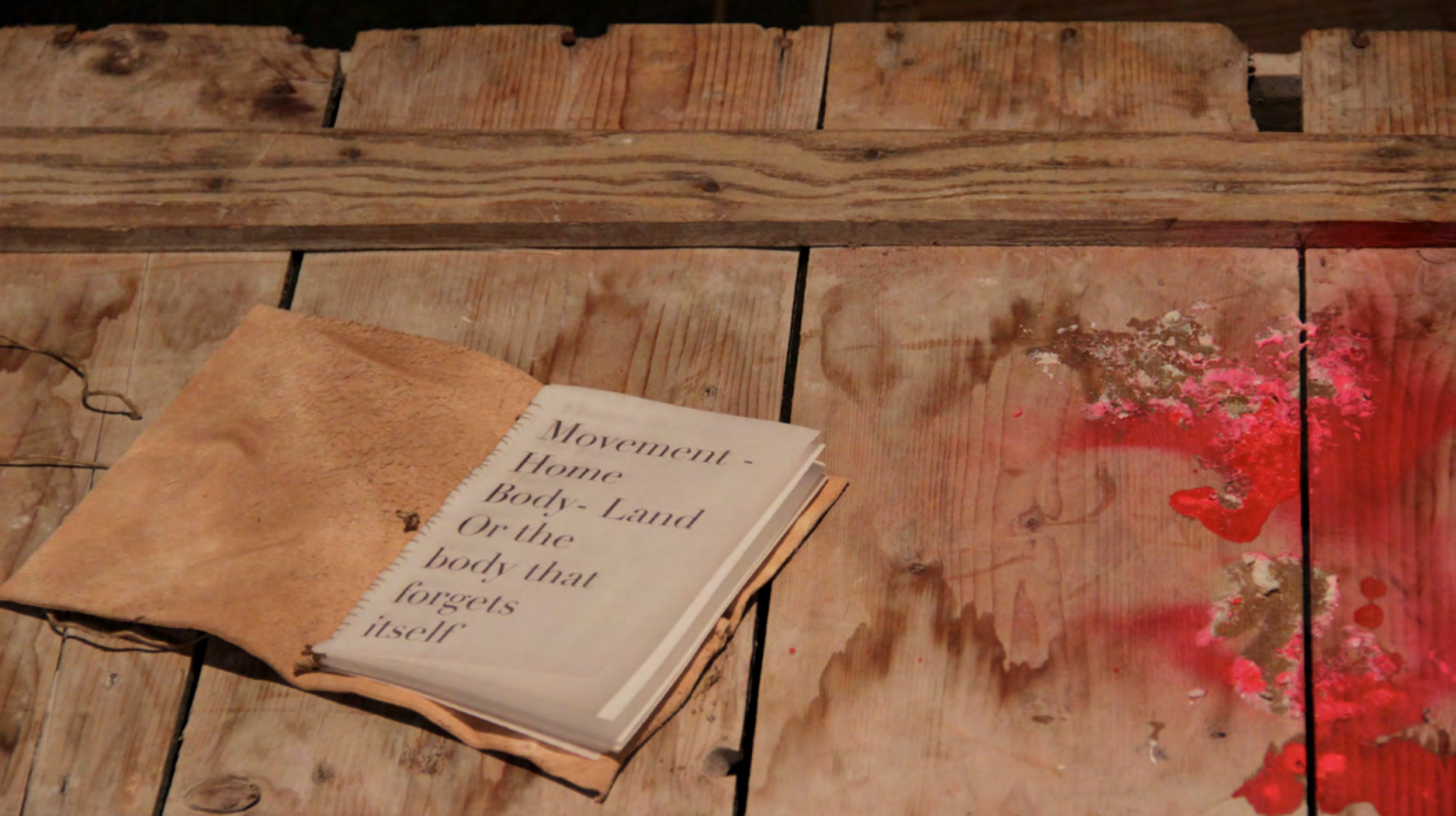
O CORPO QUE SE ESQUECE DE SI PRÓPRIO

A performance e o livro de artista de Rita GT, intitulados de *O corpo que se esquece de si próprio* (2019), foram comissariados e produzidos para o projecto *Portions of Share*, que reflete sobre as noções de convivialidade, poder e hospitalidade.

Rita GT explora as metodologias inerentes ao conhecimento através da análise das condições de privilégio que a própria noção engloba. Ao longo da história, o conhecimento tem sido associado com a liberdade e com o acesso à mesma como uma ferramenta central de controlo e dominação. A literacia e o livro como seu signo têm sido considerados símbolos de poder, como garante de reconhecimento e de privilégio social. A perpetuação de mecanismos e sistemas de poder político e social depende, em grande medida e paradoxalmente, da exclusão de acesso à literacia e ao conhecimento, de determinadas populações ou regiões, impossibilitando assim o acto de “derreter os sólidos” (Bauman, 2000: 3). É através do poder da linguagem e portanto, por meio da capacidade de desconstruir narrativas históricas, que estruturas políticas con(solida)das são desafiadas por aqueles que têm sido excluídos do discurso político normalizado e hegemónico, que na sua perpetuação reforça a exclusão e os preconceitos. As imposições colonialistas de novos credos, linguagens e rituais, apagando a história e a cultura dos povos colonizados, tem como consequência a inacessibilidade à literacia e ao conhecimento e contribuem para a construção de uma realidade opressiva e desigual.

Através do gesto de comer o livro que a própria criou, Rita GT desafia a concepção tradicional da história. O conhecimento oculto no livro perde a sua impregnabilidade, deixa de ser um privilégio de poucos para romper com as ideias preconcebidas de encontros e convivialidade. A história, marcada pela exclusão de mulheres, minorias e grupos sociais oprimidos, impedidos de aceder a educação condigna, torna-se assim, através do acto da artista, passível de ser reescrita e recontada.

A posição tomada pela artista, com o seu vestido branco, cândido, virginal, casto, representa uma pose provocativa percutida por uma mulher branca. Comer o objeto que representa conhecimento por excelência faz da



Rita GT

O Corpo Que Se Esquece De Si Próprio

Couro, papel de arroz, tinta
comestível, corda de algodão
10,5 x 14,8 cm
2019

Fotografia de by Linda Koncz



Rita GT, *O Corpo Que Se Esquece De Si Próprio*, 2019. (detalhe). Fotografia de Linda Koncz.

performance uma afirmação de redenção. Além disso, a presença feminina propõe ainda outra camada de leitura - histórias femininas e a sua ausência do “livro da história”, escrito na sua maioria por homens. As mulheres foram, e são ainda, consideradas como secundárias aos homens, têm sido apagadas historicamente, de forma consistente e sistemática, vendo as suas histórias ocultadas, as suas opiniões desprezadas, os seus desejos e vontades diminuídos, e as suas contribuições menosprezadas. O conhecimento em si, historicamente distribuído e manipulado maioritariamente por homens, é aqui fisicamente encarnado pela artista num acto de dominação e empoderamento feminino.

Enquanto lê o livro, a artista incorpora o poema, desafiando estruturas de poder preconcebidas, através da apropriação do significado das palavras. Não há ninguém para lhe conferir direito a este poder, ela toma-o para ela própria, devora-o, página por página, e o *corpo responde*.

Assistimos, com este gesto, a um acto substancial de ruptura com a história e com as posições tradicionais de poder. O acto de incorporamento do conhecimento através da performance feminina tem um carácter subversivo e quebra normas, tão antigas quanto contemporâneas. Desta forma, a ação de incorporamento torna-se em si um símbolo de sobrevivência da cultura,



RITA GT, *The Body that Forgets Itself*.
Galeria Belo-Galsterer, Lisboa, 2019. Fotografia de Linda Koncz.



Rita GT e Keziah Jones. Galeria Belo-Galsterer, Lisboa 2019. Fotografia de Linda Koncz.

na medida em que é a artista que se transforma a si mesma na prova física da sua continuidade e existência. Ao mesmo tempo, o desaparecimento das páginas é ambivalente. A presença visível do livro e do corpo, que se tornam numa entidade única, são metáforas para uma intensa presença do ausente e do silenciado. As páginas desapareceram e, como esta ação parece implicar, também as vozes extintas de tantas comunidades. Ainda assim, tal como séculos de opressão e de conflito cultural, o acto da artista torna visível que é impossível obliterar os vestígios dos silenciados e esquecidos, e somos confrontados com o que resta - o cenário, a mesa onde se encontra o livro, a cadeira onde a artista se senta, que são deixados vazios, despidos de corpo e de propósito. Em cima da mesa observamos o que resta do livro, a capa de pele castanha - quase como se de uma extensão da pele do artista se tratasse, demonstrando a resiliência da natureza face às contendidas da Humanidade, e as páginas rasgadas, que não poderão ser substituídas e são forçadas a existir como mera memória do que foram.

O papel que a artista atribui à visualidade ganha forma na sua performance e reafirma o poder na transmissão de conteúdo previamente oculto. O veículo



Rita GT, *O Corpo Que Se Esquece De Si Próprio*, 2019. (detalhe). Fotografia de Linda Koncz.

de comunicação que a artista utiliza providência, neste sentido, a possibilidade de dar voz mais do que engolir ou silenciar vozes. Rita GT entende e transmite assim a arte como um processo de aprendizagem que produz reflexões sobre aspectos ambíguos de produção e de distribuição de conhecimento, a sua sobrevivência e a sua censura. Aqui, a artista considera a sua missão na exploração da condição dicotômica do privilégio/desvantagem. A artista traduz visualmente, com um gesto, o impossível encontro entre colonizador e colonizado ao qual temos assistido ao longo dos séculos. Silêncio recriado e vestígios de páginas desaparecidas abrem espaço para as vozes do passado. Seremos capazes de as decodificar e de criar uma nova história?

José Maria Cortez
Marta Sacconi

Bibliografia:

Bauman, Zygmund. 2000. *Liquid Modernity*. Cambridge: Polity Press.

The background of the text is decorated with several thick, expressive black brushstrokes. These strokes are fluid and organic, with varying thicknesses and some frayed edges, suggesting a hand-painted or charcoal-like texture. They sweep across the page, partially overlapping the text and creating a dynamic, artistic feel.

KALLE BROTH
& KRISTINA
MUNTZING
SUNSHINE
SOCIALIST
CINEMA:
UM MANUAL
PARA UM
CINEMA -
SESSÃO DE
LISBOA

KALLE BROLIN & KRISTINA MUNTZING
SUNSHINE SOCIALIST CINEMA:
UM MANUAL PARA UM CINEMA – SESSÃO DE LISBOA

O *Sunshine Socialist Cinema* é um cinema ao ar livre suportado por painéis solares e criado pelos artistas Kristina Muntzing e Kalle Brolin. A primeira sessão, possível com a energia dos painéis, aconteceu em 2012 numa instalação situada num jardim a sul da pequena cidade sueca de Höja, durante o verão. Até ao final do ano o projecto está em digressão por toda a Suécia numa caravana. Os temas dos filmes incluem a sobrevivência pós-industrial, o cinema político, as práticas dos artistas que se juntam a colectivos políticos e muito mais. As suas actividades incluem exposições públicas, discussões em grupo, visitas de estudo e apresentações organizadas em parceria com outras instituições. A programação e as questões técnicas são trabalhadas e discutidas colectivamente, num grupo dirigido pela ABF (Arbetarnas Bildningsförbund / WORKERS' EDUCATIONAL ASSOCIATION OF SWEDEN), associação na qual os dois artistas também estão a desenvolver, a nível conceptual e operacional, uma tipologia de cinema político.

A edição de Lisboa, apresentada sob a forma de um livro de artista, no âmbito do projeto de curadoria *Portions of Share*, enquadra-se no contexto mais amplo



Projecção de Sunshine Socialist Cinema na Signal Gallery, Suécia, 2015.

dos 4Cs - *From Conflict to Conviviality through Creativity and Culture*, co-fundado e coordenado por Luísa Santos na Universidade Católica Portuguesa. O *Sunshine Socialist Cinema* é uma plataforma de discussão utópica, sustentável e de cariz político. Foram precisamente as noções de utopia, participação e de discussão que formaram o ponto de partida para o desenvolvimento do livro de artista apresentado pelo *Sunshine Socialist Cinema*, que propõe novas perspectivas e novas formas de partilha.

De acordo com a ideia que está na génese do projecto, cujos objectivos principais são gerar discussão e permitir interações entre diversas perspectivas, dentro do contexto político e ideológico de esquerda. Em vez de produzir um livro comum, como o conhecemos e esperaríamos, considerámos transformar a Galeria FOCO num lugar para expressar estas noções e dar ênfase a múltiplas vozes. Este espaço é assim entendido como um livro de troca de ideias e uma plataforma para discussão. Neste contexto, a divergência encontra o seu lugar em conversas entre pessoas e é bem-vinda. Ou seja, este cinema é, como podemos ver e experienciar, um livro aberto que deve ser visto em



Lasse Lau, *Sound from the hallways*, 2012, Denmark. Cortesia da artista.

profundidade, atravessando os seus diferentes níveis, para depois se refletir, questionar, reconhecer ou simplesmente observar estímulos audiovisuais, bem como as configurações socioculturais expressas através dos filmes projectados. Funcionando como capítulos, os espaços da galeria apresentam aspectos diferentes do projecto e portanto, duas perspectivas foram tidas em conta no decorrer da sua concepção. Primeiro, foi fundamental ser coerente com as mensagens que esta plataforma pretende transmitir: uma perspectiva alternativa ao presente, possibilidades utópicas de partilha e uma pluralidade de vozes e pontos de vista. Em segundo lugar, foi importante criar um espaço onde as projecções pudessem ser experienciadas de forma livre e no contexto de um ambiente fortemente interativo e acessível a todos. Da leitura à projecção, passando pela liberdade de expressão e inspiração, trata-se de possibilitar a imersão do espectador no universo criado por Müntzing e Brolin.

O ponto fulcral para o desenvolvimento deste livro-instalação foi aprender com o público. Com este conceito em mente foi criada uma lista de perguntas sobre o que seria um cinema socialista, idealista e utópico. Questionámos as pessoas sobre o que imaginam quando sonham com um cinema utópico, como seria organizado e financiado, quem seria o público-alvo, e de que forma seria experienciado. Além disso, que filmes seriam exibidos e que consequências poderiam despoletar no público - nós. Os próprios artistas também responderam



Marta Alvim, *No Green No Blue*, 2010, Portugal. Cortesia da artista.



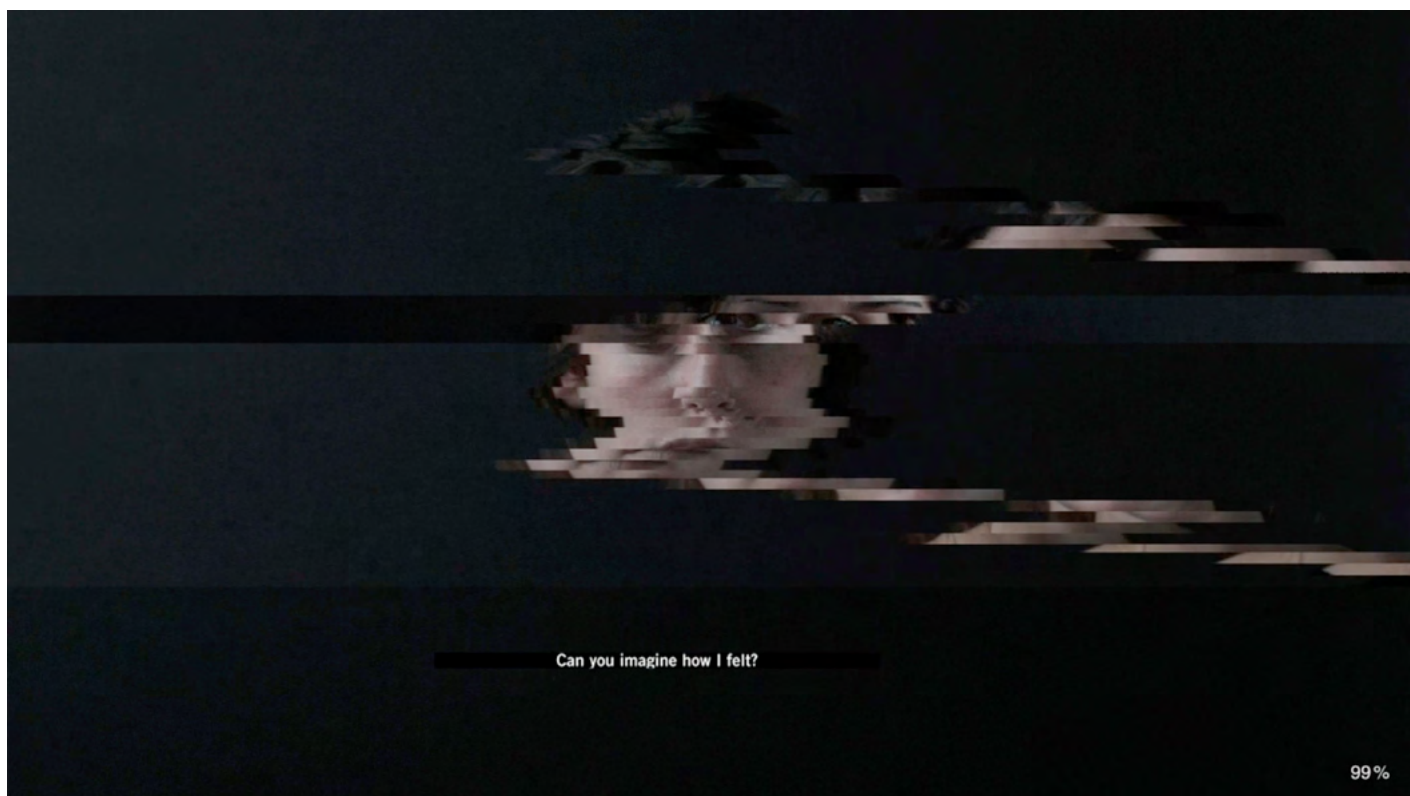
Marta Alvim, *Instinctive Behavior*, 2017. Cortesia da artista.



Lola Gonzalez, *Veridis Quo*, 2016, França, Produção Centre d'Art Passerelle (Brest) e Ars Futura. Com o apoio de CNAP-Centre National des Arts Plastiques. Cortesia do artista e de Marcelle Alix, Paris.

a essas perguntas e, com o conhecimento de pessoas de diferentes contextos, o escopo do *Sunshine Socialist Cinema* transforma-se, expande-se e convida outras pessoas a partilharem diferentes perspectivas.

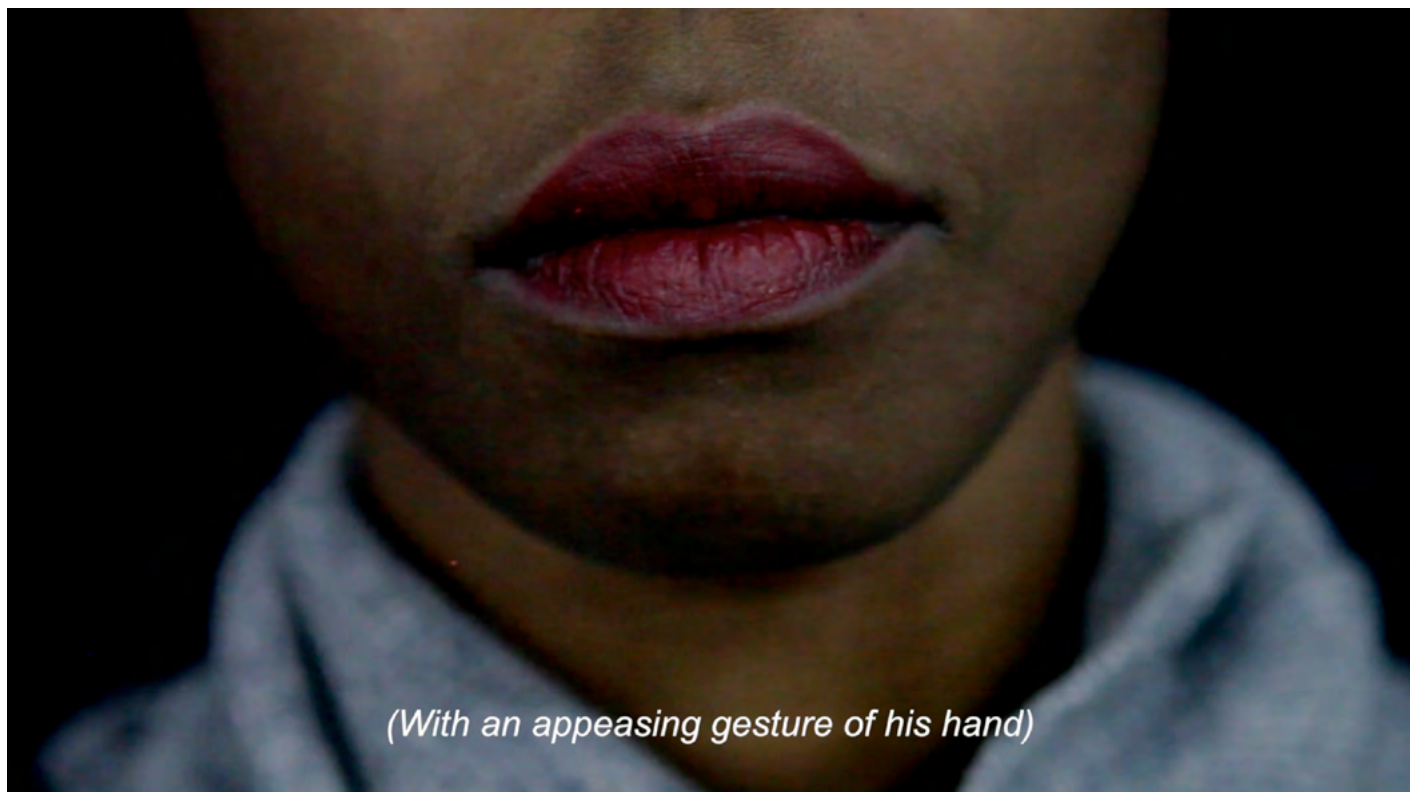
A apresentação do livro de artista consiste num programa que envolve a projecção de longas e de curtas metragens de nove artistas de diferentes nacionalidades e origens. Os filmes estão relacionados com temas como a sustentabilidade, a convivialidade, a resolução de conflitos e visões políticas de esquerda. Os filmes seleccionados incluem **Casus Belli (2010)** do grego Yorgos Zois; **No Green No Blue (2010)** e **Instinctive Behavior (2017)** da portuguesa Marta Alvim; **Digital Trauma (2017)** da espanhola Maria Molina; **Sound from the Hallways (2012)** do dinamarquês Lasse Lau; **Veridis Quo (2016)** da francesa Lola González; **Athènes plages (2019)** do português/francês Christophe dos Santos; **(Putting words) in my mouth (2018)** da britânica Divine Southgate Smith; **Dandakaranya - The Jungle of Punishment (2012)**, **The Ghost Taxonomy (2012)** da indiana Tushar Waghela; e **How green was my valley - EUROPA (2005)** do português Paulo Mendes. Múltiplas vozes (público, artistas e realizadores) permitem que qualquer pessoa faça a sua própria interpretação dos diferentes assuntos destacados em cada filme. Este diálogo é fundamentalmente e na verdade o que determina a estrutura do *Sunshine Socialist Cinema*.



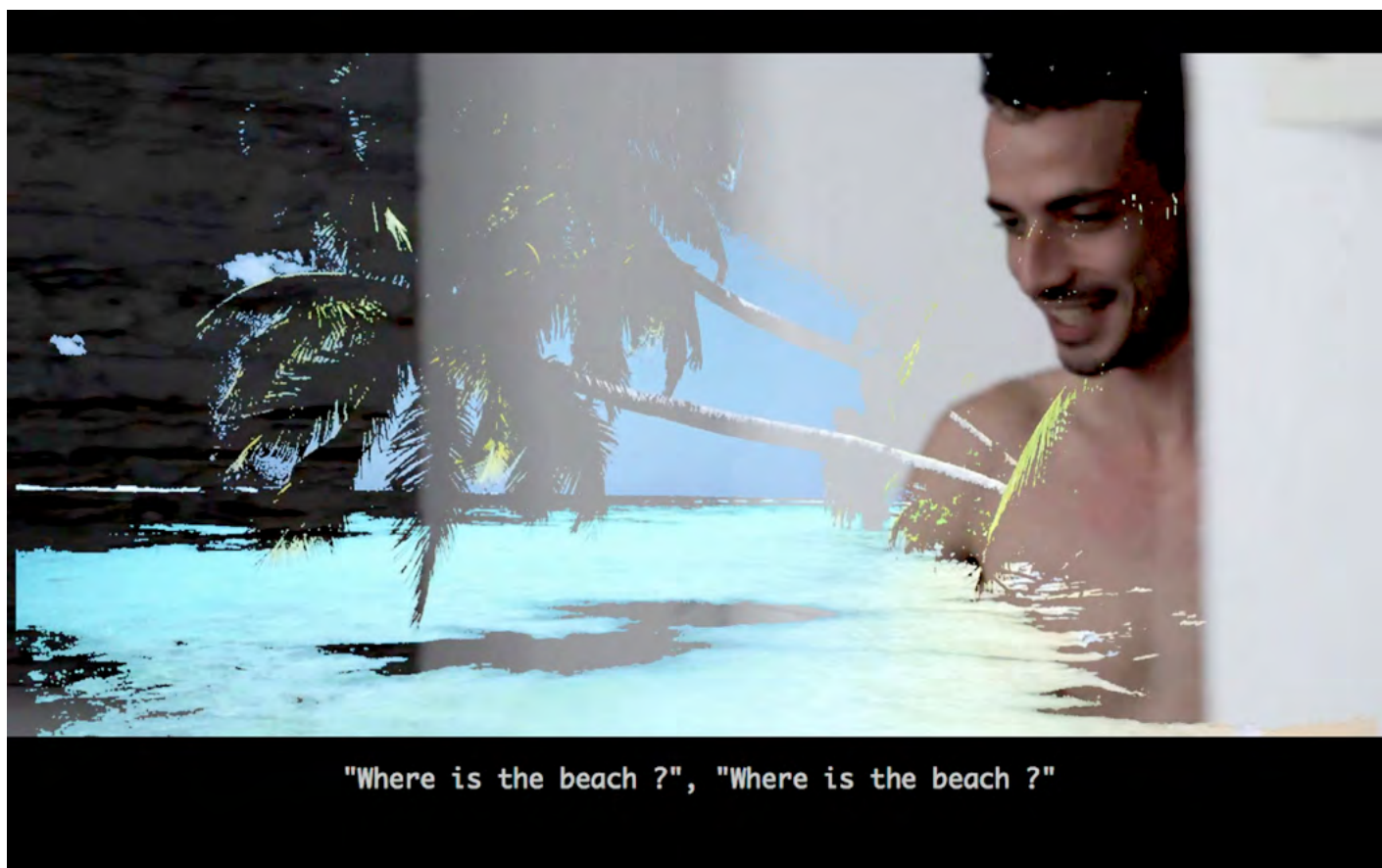
María Molina, *Digital Trauma (And the Crystal Image)*, 2017, Espanha. Cortesia da artista.



Paulo Mendes, *How Green Was My Valley- EUROPA*, 2005, Portugal. Cortesia do artista.



Divine Southgate Smith, *(Putting words) in my mouth*, 2018, England. Cortesia da artista.



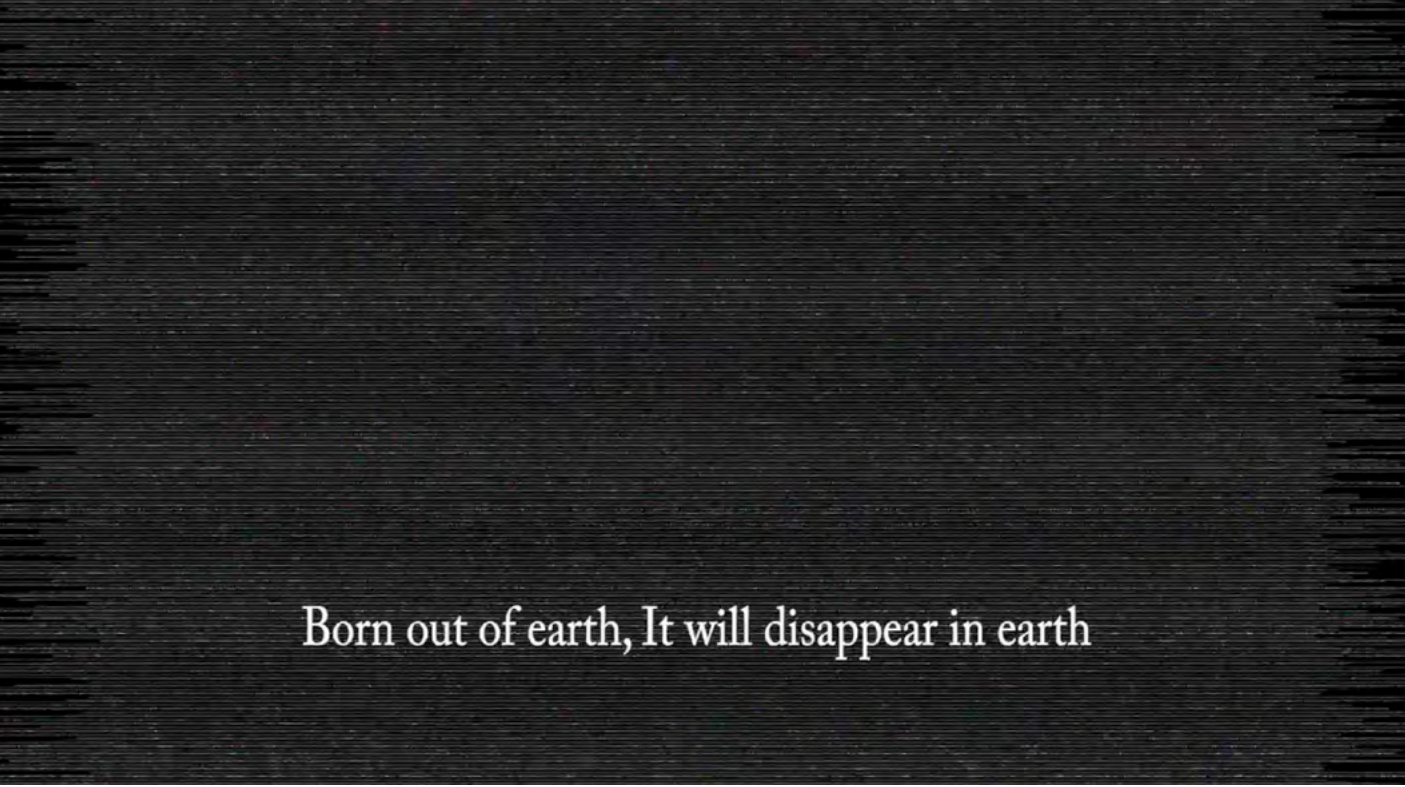
Christophe dos Santos and Alice Bachmann, *Athènes plage*, 2019, Portugal / France. Cortesia dos artistas.



Yorgos Zois, *Casus Belli*, 2010, Greece. Cortesia do artista.



Tushar Waghela, *The Ghost Taxonomy*, 2012, India, Cortesia do artista e ethiCollective.



Born out of earth, It will disappear in earth

Tushar Waghela, Dandakaranya - *The Jungle of Punishment*, 2012, India. Cortesia do artista e ethiCollective.

Esta seleção apresenta e inspira um compromisso não só com as ideias de cada um dos artistas e realizadores, mas também com o tema de passar do conflito para a convivialidade. Como observado no contexto do projeto 4Cs, a ideia de ir do conflito para a convivialidade deve ser vista como um movimento circular e não linear. Em vez de chegar a um destino final ideal, iremos sempre encontrar um novo obstáculo, um novo conflito, com o potencial de nos inspirar, uma vez mais, a encontrar a convivialidade. A projecção dos diversos filmes desta versão de *Sunshine Socialist Cinema*, cada um com os seus conceitos próprios, apresentam este ciclo de conflito para a convivialidade - e de volta ao conflito. Isto não é, de forma alguma, uma fonte de frustração mas sim de possibilidade de repensar vezes sem conta em que tipo de sociedade queremos viver. É esta possibilidade que está na base das experiências de *Sunshine Socialist Cinema*.

Aude Vignac
Federico Rudari
Jule Kurbjewit
Juliana Orrego Trujillo



MATTHEW MASON

SOBRE O SOCIALISMO

SOBRE O SOCIALISMO

Nascida da emergente preocupação pela igualdade e emancipação, a palavra socialismo inspirou-se inevitavelmente (e, talvez, compreensivelmente?) em algumas problemáticas ideológicas que decorreram durante a Guerra Fria. Na melhor das hipóteses, o termo ficou associado à dilatação da burocracia e filas de racionamento, e no pior dos cenários, ao genocídio em massa e ao Gulag. No entanto, talvez as coisas estejam a mudar no século XXI à medida que o socialismo parece resurgir no ocidente. O desvio do Partido Trabalhista Britânico à esquerda, a aceitação o termo 'democracia socialista' pela primeira vez(?) nos Estados Unidos com a eleição de Alexandria Ocasio-Cortez (em Nova Iorque), a popularidade de Bernie Sanders e o debate global sobre a necessidade de um salário básico universal, são apenas alguns dos sinais que demonstram o reposicionamento do socialismo no centro da discussão.

Poderá isso ser considerado uma surpresa num mundo em que 1% das pessoas mais ricas possuem quase metade da riqueza do planeta inteiro? Será que esperamos realmente que o termo tenha sido banido de um mundo no qual as discussões sobre as tecnologias digitais triunfam e no qual o 'pós-humano' escurece, convenientemente, o facto de que metade da população

mundial não tem acesso à internet e está muito mais preocupada em ter acesso a água limpa e comida, do que a construir um perfil online? Em áreas urbanas densamente populadas, as favelas e a habitação de baixa qualidade localizam-se lado a lado às opulentas torres de aço e vidro que brilham à luz do sol e projectam sombras sobre os que estão em baixo. E quanto à ascensão da especulação imobiliária que leva, por sua vez, ao processo de gentrificação e à epidemia dos sem-abrigo, que actualmente atormenta as principais cidades da Europa e que parece aumentar à medida que o tempo passa? Tal cenário apenas serve para destacar o apelo a um conjunto de ideias que determinam uma busca incessante por uma sociedade justa, na qual todos os cidadãos são igualmente dotados de direitos e liberdades, independentemente da sua nacionalidade, raça ou género.

Apesar do amplo espectro de ideias e opiniões que o termo possa abranger, há um elemento fundamental no pensamento socialista que se opõe às formas de 'individualismo', enfatizando a importância do interesse 'coletivo' e da ação 'coletiva'. Embora ainda possam surgir dúvidas de que a política do individualismo continue preponderante nas nações mais ricas do mundo, certamente a era contemporânea, cada vez mais global - ousamos dizer 'universal'? - desenha-se em questões como a alteração climática, a constante corrupção e a exaustão de recursos naturais do planeta. Exigem estas questões uma resposta colectiva?

Após o breve triunfalismo do 'Fim da História' de Fukuyama, entre o colapso da União Soviética e a expansão global da economia neoliberal, o socialismo regressa para levantar questões legítimas sobre as recorrentes catástrofes globais, tais como a pobreza, a desigualdade e a medíocre distribuição da riqueza mundial. Apesar do profundo cinismo que prevalece na era (pós) moderna - na qual um fluxo infinito de mercadorias ocupa a nossa visão - a crença subjacente ao progresso social, a agência humana e o louvável desejo pela mudança social que caracterizam o pensamento socialista, continua a ser uma política vital de esperança que abre as suas asas perante um individualismo egoísta e superficial. A crença num mundo melhor não morreu ao lado dos regimes autoritários do século XX, mas permanece notavelmente intacta.

Matthew Mason

NUNO NUNES-FERREIRA

Nascido em Lisboa, em 1976. Vive e trabalha em Santarém. A sua prática artística é focada nos conceitos de tempo, memória e ausência. A partir de um imenso arquivo de coleções de álbuns, revistas, jornais, e relógios, concebe novas páginas de imprensa feitas de recortes de jornal. A partir de fragmentos de vídeos apropriados, constrói sistemas de observação do tempo e das suas estruturas físicas e metafísicas. O seu trabalho está representado em várias colecções, tais como: Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação EDP; IVAM; Fundació Sorigué; Fundación Focus Abengoa; Fundación Hortensia Herrero; Colección Norte de Arte Contemporáneo; Colección DKV; Museo de Arte Moderno y Contemporaneo de Santander.

RITA GT

Nasceu no Porto em 1980. Vive e trabalha entre Viana do Castelo e Angola. Licenciada em Design e Comunicação pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (2003) e pós-graduada pela Escola Maumaus em Lisboa (2004/2005). Frequentou o Mestrado - MFA na Malmö Art Academy - Universidade de Lund na Suécia. Rita GT é uma artista crítica e intervencionista, abordando temas como a memória, identidade ou a importância dos direitos humanos. Ter vivido em muitos países diferentes permite-lhe ter uma visão mais ampla, valorizando os pontos de vista históricos de muitas culturas. O simbolismo colonial que é recorrente na sua obra define a sua própria identidade e linguagem artística. A artista usa imagens, palavras e performances, revelando uma constante interrogação e experimentalismo em aspectos materiais e conceptuais.

KALLE BROLIN & KRISTINA MUNTZING

Kristina Muntzing e Kalle Brolin são uma dupla de artistas suecos. Nos últimos anos trabalharam entre Gotemburgo, Malmö, Scania, Istambul, Estocolmo, Buenos Aires, Londres, Berlim, Copenhaga, Tallinn e Gdansk. Juntos dirigem o *Sunshine Socialist Cinema*, um cinema ao ar livre movido a energia solar. O trabalho de Kristina Muntzing lida frequentemente com questões de pertença. Recentemente criou a série de peças *"Mapping Panther Politics"* - que traçam uma linha através de geografias e do tempo. Kalle Brolin trabalha com instalação vídeo e performance; escreve para várias revistas de arte e para a secção de cultura do jornal alternativo Fria Tidningen. A sua mais recente série de trabalhos, sobre a cultura das minas de carvão e fábricas de açúcar no sul da Suécia, foi exposta no Museu de Arte de Malmö.

PORTIONS OF SHARE

Portions of Share é um projecto de curadoria realizado pelos alunos de mestrado e doutoramento internacional em Estudos de Cultura, um programa do The Lisbon Consortium da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa. Este projecto, desenvolvido no âmbito do seminário de Curadoria coordenado por Luísa Santos, é concebido dentro do quadro conceptual do 4Cs: *from Conflict to Conviviality through Creativity and Culture* - um projecto de cooperação Europeu co-financiado pelo Programa Europa Criativa da União Europeia. *Portions of Share* é composto por três livros de artista que reflectem sobre noções de convivialidade, poder e hospitalidade. Além dos livros, *Portions of Share* apresenta uma publicação com ensaios sobre estes conceitos sob as lentes das produções artísticas dos convidados - Rita GT, Nuno Nunes-Ferreira, Kristina Müntzing e Kalle Brolin (*Sunshine Socialist Cinema*).

PORTIONS OF SHARE 4 ARTISTAS 3 LIVROS DE ARTISTA

Programa de Eventos

O corpo que se esquece de si mesmo de Rita GT, dia 7-3-2019 às 19h na Galeria Belo-Galsterer, Lisboa • *Chegar aos cem* de Nuno Nunes-Ferreira, dia 15-3-2019 às 18h na galeria Balcony, Lisboa • *Sunshine Socialist Cinema: a Cinema Manual – Lisbon Session* de Kristina Müntzing e Kalle Brolin, dia 10-02-2019 às 15h na galeria FOCO, Lisboa • Mesa redonda com Ana Margarida Abrantes e lançamento da publicação online de *Portions of Share*, dia 1-4-2019 às 19h na galeria FOCO, Lisboa.

Artistas

Kalle Brolin & Kristina Müntzing; Nuno Nunes-Ferreira; Rita GT

Curadores/ Estudantes de Mestrado e Doutoramento em Estudos de Cultura

Ana Rita Coelho; Aude Vignac; Dzifa Peters; Federico Rudari; Francisca Rosa; João Biscainho; José Maria Cortez; Jule Kurbjewweit; Juliana Orrego Trujillo; Linda Koncz; Marta Sacconi; Nina Danilova; Pasha Georgieva

Professora do Atelier de Práticas Curatoriais

Luísa Santos (Gulbenkian Professor, FCH-UCP, CECC)

Comunicação

Ana Rita Coelho; José Maria Cortez; Marta Sacconi; Pasha Georgieva

Publicação

Dzifa Peters; Francisca Rosa; João Biscainho; Linda Koncz; Nina Danilova

Coordenação dos Espaços

Aude Vignac; Federico Rudari; Jule Kurbjewweit; Juliana Orrego Trujillo

Textos

Aude Vignac; Dzifa Peters; Federico Rudari; José Maria Cortez; Jule Kurbjewweit; Juliana Orrego Trujillo; Linda Koncz; Luísa Santos; Marta Sacconi; Matthew Mason

Tradução e Revisão em Português

Ana Rita Coelho; Francisca Rosa; João Biscainho; José Maria Cortez

Revisão em Inglês

Ailsa McDougall; Guy Howie; Matthew Mason; Samuel Miller

Design

João Biscainho (Identidade visual, publicação e posters); Juliana Orrego Trujillo (convites)

Fotografia e Vídeo

João Biscainho e Linda Koncz (como mencionado)

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

Reitora

Isabel Capelo Gil

Vice-Reitores

Teresa Teixeira de Vasconcelos Lloyd Braga; José Manuel Pereira de Almeida; Miguel José Pereira Athayde Marques; Luís Gustavo Pereira Marques Martins; Fernando Augusto de Sousa Ferreira Pinto

Director

Nelson Ribeiro

Directores Adjuntos

Peter Hanenberg; Alexandra Lopes

Professora Secretária

Inês Bolinhas

THE LISBON CONSORTIUM

Directora do Programa

Isabel Capelo Gil

Coordenadora Pedagógica

Alexandra Lopes

Comité Directivo

Isabel Capelo Gil; Alexandra Lopes; Peter Hanenberg

Coordenador do Gabinete de Avaliação e Desenvolvimento Profissional

Paulo Campos Pinto

Coordenadora Executiva

Rita Bacelar

Responsável de Comunicação

Clara Caldeira

Secretária Executiva

Elisabete Carvalho

Secretária de Curso

Cristiana Almeida Robalo

AGRADECIMENTOS

os estudantes agradecem a:

Isabel Capelo Gil; Luísa Santos; Ana Margarida Abrantes; Peter Hanenberg; Nelson Rodrigues; Rita Bacelar; Ana Fabíola Maurício; Nuno Nunes-Ferreira; Rita GT, Kristina Müntzing and Kalle Brolin (and Lisa); Alda Galsterer (Belo-Galsterer); Pedro Magalhães (Balcony); Ben Gonthier (FOCO); Isabel Braz (EthiCollective); Marcelle Alix Gallery (Paris); Maria Eduarda Duarte; Sandra Diniz; Pedro Ferreira; Amaury Hocquet; David Rubio; Yorgos Zois; Marta Alvim; Maria Molina; Lasse Lau; Lola González; Christophe dos Santos and Alice Bachmann; Divine Southgate Smith; Tushar Waghela; Paulo Mendes; David Rubio; Keziah Jones

ISBN: 978-989-54428-0-5

Universidade Católica Portuguesa

CECC – Research Centre for Communication and Culture

Publicado online em Março de 2019, Lisboa.

Todas as imagens foram fornecidas pelos seus autores para esta publicação.

O projecto faz parte do Atelier de Práticas Curatoriais, integrado no programa internacional de Mestrado e Doutoramento em Estudos de Cultura, Lisbon Consortium, Faculdade de Ciências Humanas e Universidade Católica Portuguesa. *Portions of Share* foi desenvolvido no contexto do 4Cs: *from Conflict to Conviviality through Creativity and Culture*, um projecto de cooperação Europeu, co-financiado pelo programa Cultura da Europa Criativa e coordenado pela Universidade Católica Portuguesa.

